

PISO 1

Atmosphaerae

1. Barricada #02, 2019

Acrílico sobre papel em tampo de madeira, 97,5 x 103 cm

2. Cinzento Chumbo #03, 2015

Acrílico sobre papel e impressão e tela cosida, 46,5 x 34,5 cm

3. Cinzento Chumbo #04, 2015

Acrílico sobre papel e impressão e tela cosida, 44 x 32 cm

4. Blast #17, 2017

Laminite e impressão sobre tela, 51 x 52 cm

5. Blast #07, 2016

Acrílico sobre tela cosida, 49 x 48 cm

6. Blast #02, 2016

Acrílico sobre tela cosida, 33 x 26,5 cm

7. Barricada #01, 2019

Acrílico sobre papel em tampo de madeira, diam. 90 cm

8. Cinzento Chumbo #02, 2015

Grafite sobre tela, 57 x 45 cm

9. Blast #19, 2018

Grafite sobre tela bordada, 48 x 57 cm

10. Barricada #03, 2019

Acrílico sobre papel em tampo de madeira, 120 x 75 cm

11. Blast #16, 2017

Laminite e impressão sobre papel, 47 x 47 cm

12. Cinzento Chumbo #09, 2018

Impressão sobre madeira e grafite, 26 x 21 cm

13-15. Tabela Periódica #01-#3

Tela e vinil, 114 x 146 cm

16-19. Céu de letras #1-#4

Fotografia sobre papel vegetal impresso, 42 x 29,5 cm

20. Documentação vária

21. Hugo Ball, Karawane e Totenklage, 1916

Kurt Schwitters, *Ursonata*, 1922-1932

Poemas lidos por Hibou de Gris, som, 17'21"

22-32. Ni le soleil ni la mort #1-#10, 2016

Grafite sobre papel, 41 x 36,5 cm

33. Blast #03, 2016

Acrílico sobre tela cosida e bordada, 104 x 83 cm

34. Blast #21, 2019

Grafite sobre linho, 200 x 300 cm

BIOGRAFIA

João Louro nasceu em Lisboa em 1963, onde vive e trabalha. Estudou arquitetura na Faculdade de Arquitetura de Lisboa e Pintura na Escola Ar.Co. O seu trabalho engloba pintura, escultura, fotografia e vídeo.

Descendente da arte minimal e conceptual, tem uma atenção especial às vanguardas do início do séc XX. O seu trabalho traça uma topografia do tempo, com referências pessoais mas, sobretudo, geracionais. Utiliza como fonte recorrente a linguagem, a palavra escrita, e procura fazer uma revisão da imagem na cultura contemporânea, a partir de um conjunto de representações e símbolos do universo visual coletivo. O minimalismo, o conceptualismo, a cultura pop, o estruturalismo e pós-estruturalismo, autores como Walter Benjamin, Guy Debord, Georges Bataille, Blanchot ou artistas como Donald Judd ou Duchamp, formam o léxico através do qual João Louro se exprime.

Foi o representante de Portugal na Bienal de Veneza de 2015, com a exposição *I Will Be Your Mirror | Poems and Problems*.

Agradecimentos

José de Guimarães
Museu do Caramulo

PAVILHÃO BRANCO

Jardins do Museu de Lisboa
Campo Grande, 245

terça a domingo, 10h-13h / 14h-18h

www.galeriasmunicipais.pt

Organização

galerias municipais

EGEAC

Apoio

MUSEU DO CARAMULO

JOÃO LOURO

NI LE SOLEIL NI LA MORT

15/05 — 01/09/19

Destruir a linguagem, fazer explodir a imagem

*Escavamos um túmulo no ar
para não se estar lá apertado*
— Paul Celan

A exposição *Ni le soleil ni la mort* ["nem o sol nem a morte", em francês] é a apresentação inaugural de um longo processo de investigação sobre a primeira das grandes guerras mundiais, momento definidor da esquizofrenia destrutiva que se parece ter constituído desde então como um dos princípios fundadores do mundo contemporâneo.

Este projecto, que João Louro vem lenta e meticulosamente construindo nos últimos anos, marca uma transformação no próprio processo criativo do artista, distinguindo-se daquela que reconhecemos como a sua marca autoral. Recuando ao momento histórico em que coincidem, como duas faces ou versões de uma mesma história, a emergência da Primeira Guerra Mundial e do projecto vanguardista, o artista procura o cordão umbilical da nossa herança cultural.

Quando, no dia 5 de fevereiro de 1916, o *Cabaret Voltaire* foi fundado por um conjunto de artistas, poetas,

performers e activistas políticos, que se reuniram sob a estranha palavra-aliteração de ressonância infantil e primitiva, DADA, iniciava-se aí uma das aventuras artístico-políticas mais radicais, cuja acção viria, como sabemos, a transfigurar o exercício artístico tal como o conhecíamos.

De facto, DADA perdura nas nossas cabeças como um daqueles corpos que, vencendo a inércia, nunca param de balouçar. Tal como os surrealistas, seus herdeiros directos, os dadaístas trabalharam mais sobre os sortilégios da linguagem do que sobre as variações formais ou de estilo — a ética sobre a estética.

Um dos traços mais distintivos da semântica de DADA foi a forma como destruiu a linguagem convencional — a mesma que provocou as dissensões que conduziram à insanidade da guerra — através de uma colagem de fragmentos, vocábulos, sons e motivos oriundos de diferentes lugares que resulta numa espécie de sincretismo primitivo e original.

Libertar as pulsões do inconsciente para recuperar a inocência da infância e a origem primitiva pré-linguística do homem, era uma das formas possíveis de neutralizar a devastação do projecto humanista nascido na Grécia Antiga e que nos campos lamacentos e entrincheirados via, sob infigurável mortandade e desolação, o começo do seu fim.

E hoje, num mundo cujo destino anunciado nos faz olhar para os momentos em que a insanidade colectiva conduziu a humanidade ao abismo, os artistas parecem ter redescoberto a energia, as forças e a potência criativa transfiguradora e regeneradora dos seus antepassados dadaístas.

A guerra é um tema estranho e excêntrico à arte contemporânea. Recuperando um conjunto inaudito de imagens, textos, depoimentos escritos ou visuais, projectos poéticos e/ou filosóficos, João Louro produz um conjunto de obras a um tempo sombrias e luminosas, em que contrapõe imagens, reflexões e figurações do teatro de guerra com registos visuais e sonoros das dissonâncias e desconstruções performativas dos dadaístas, contra-modelo colectivo político-poético erigido em reacção ao insano ardor beligerante.

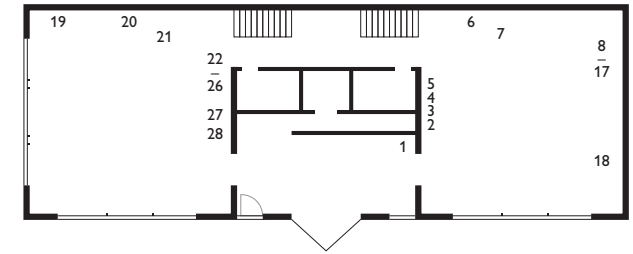
A exposição, dividida em dois modos — *Figuratio*, no piso de baixo, e *Atmosphaerae*, no piso superior —, reúne desenho, pintura, escultura, fotografia, texto e documentação, organizando-os numa montagem que opera por aproximações e disjunções, rimas, ecos e fragmentos, semelhança, alteridade e estranheza.

Acolhe igualmente objectos de outro tempo e de outros lugares, de excepcional qualidade, que aqui simbolizam forças mágico-religiosas — um Cristo medieval, oriundo da colecção do Museu do Caramulo, e um conjunto de máscaras *Pende*, povo africano oriundo do Congo que figurava as doenças para as esconjurar, provenientes da colecção de arte africana de José de Guimarães.

As máscaras *Pende*, muito próximas das figurações-deformações de Pablo Picasso ou de Francis Bacon, por exemplo, remetem por um lado para a forma como o projecto dadaísta se abriu à influência de outras culturas, nomeadamente e em grande medida a africana, e criam, por outro, uma perturbante aproximação aos rostos desfigurados em consequência da Primeira Guerra Mundial.

A efígie de Cristo crucificado era uma presença frequente em altares improvisados, vizinha de trincheiras e latrinas, trazendo o possível conforto espiritual a homens que, de um lado e outro das barricadas e das ideologias, não vislumbravam outro horizonte que o do incomensurável sofrimento e da morte.

Religião, magia, poesia, simetria, informe, memória, são forças diversas que João Louro convoca para sondar e tornar imanente o sofrimento e a destruição e a forma como, ainda assim, a condição humana faz perdurar a vontade de não se extinguir.



PISO 0

Figuratio

1. *Cinzento Chumbo #01*, 2015
Acrílico e grafite sobre cobre,
53 x 63 cm

Máscaras, Pende, Congo

2. Madeira e pigmentos,
30 x 17 x 14 cm

3. Madeira e caulino,
25 x 15 x 9 cm

4. Madeira, caulino, corda,
tecido, serapilheira e fibras,
38 x 20 x 15 cm

5. Madeira, caulino e corda,
27 x 19 x 9 cm

Col. José de Guimarães

6. *Cristo na Cruz, Sec. XIV*
Península ibérica, madeira
policromada, 244 x 149 x 33 cm
Col. Museu do Caramulo

7. *Casa de Deus*, 2019
Madeira e metal,
210 x 100 x 100 cm

8-17. *J'ai tué #1 – #7*, 2016
Acrílico e grafite sobre papel,
41 x 32 cm

18. *Cinzento Chumbo #06*, 2016
Acrílico sobre tela cosida em
pano preto, 51 x 57,5 cm

19. *Cinzento Chumbo #08*, 2017
Acrílico sobre impressão, papel e
tela cosida, 26 x 21 cm

20-21. *Storm of Steel*, 2019
Bronze, 80 x 48 x 20 cm

22. *Sudário #2*, 2016
Acrílico sobre tela cosida,
45 x 53 cm

23. *Sudário #7*, 2016
Acrílico sobre tela cosida,
42 x 37,5 cm

24. *Sudário #8*, 2016
Acrílico sobre tela cosida,
41 x 43 cm

25. *Sudário #1*, 2016
Acrílico sobre tela cosida,
55,5 x 45 cm

26. *Sudário #3*, 2016
Acrílico sobre tela cosida,
56,5 x 40 cm

27. *O Nascimento do Moderno*
#1, 2019
Acrílico sobre papel e fotografia
impressa em papel vegetal,
49,5 x 64,5 cm

28. *O Nascimento do Moderno*
#2, 2019
Acrílico sobre papel e fotografia
impressa em papel vegetal,
52,5 x 67 cm